



2206 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 17 - Educação Ambiental

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E OS DISCURSOS VERDES: É POSSÍVEL RESISTIR?
Isabel Ribeiro Marques - FURG/PPGEA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

As discussões atreladas a temática ambiental, nunca foram tão presentes, basta ficarmos atentos: folheando revistas, lendo o jornal, olhando a embalagem de algum produto, pesquisando em alguns sites e até mesmo um momento de compras no supermercado. Não trata-se de novidade, os discursos atrelados às questões ambientais atravessam diferentes espaços e, muitos desses utilizam o verde como subterfúgio para incentivo ao consumo de determinados produtos ou serviços: Pense verde! Seja amigo da natureza! Consumo consciente! Sustentabilidade! São expressões utilizadas a todo momento. O trabalho parte de uma tese em andamento, em que se analisa a proliferação discursiva atrelada ao verde através de coleta de imagens midiáticas que utilizam questões ambientais. Com o aporte teórico de autores como Felix Guattari, Michel Foucault e Gilles Deleuze a escrita busca fôlego para sustentar e questionar em relação ao que vem sendo distribuído. Convidando-se a não cair em hábitos de certeza e de condutas esperadas de antemão. E, quem sabe assim, poder-se-ia cotejar ideias menos seguras e por alguns instantes momentos de pensamento e reflexão. É possível resistir ao que está dado? Podemos pensar de maneira diferente do que vem sendo distribuído?

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E OS DISCURSOS VERDES: É POSSÍVEL RESISTIR?

As discussões atreladas a temática ambiental, nunca foram tão presentes, basta ficarmos atentos: folheando revistas, lendo o jornal, olhando a embalagem de algum produto, pesquisando em alguns sites e até mesmo um momento de compras no supermercado. Não trata-se de novidade, os discursos atrelados às questões ambientais atravessam diferentes espaços e, muitos desses utilizam o verde como subterfúgio para incentivo ao consumo de determinados produtos ou serviços: Pense verde! Seja amigo da natureza! Consumo consciente! Sustentabilidade! São expressões utilizadas a todo momento. O trabalho parte de uma tese em andamento, em que se analisa a proliferação discursiva atrelada ao verde através de coleta de imagens midiáticas que utilizam questões ambientais. Com o aporte teórico de autores como Felix Guattari, Michel Foucault e Gilles Deleuze a escrita busca fôlego para sustentar e questionar em relação ao que vem sendo distribuído. Convidando-se a não cair em hábitos de certeza e de condutas esperadas de antemão. E, quem sabe assim, poder-se-ia cotejar ideias menos seguras e por alguns instantes momentos de pensamento e reflexão. É possível resistir ao que está dado? Podemos pensar de maneira diferente do que vem sendo distribuído?

Palavras-chave: Educação ambiental, Michel Foucault, Verde, Ecosofia.

Introdução

Escrever é quebrar o vínculo que une a palavra ao eu, quebrar a relação que, fazendo-me falar para "ti", dá-me a palavra no entendimento que essa palavra recebe de ti, porquanto ela te interpela, é a interpelação que começa em mim porque termina em ti. (BLANCHOT, 1987, p. 16).

A presente escrita parte de uma tese em andamento em que se analisa a proliferação discursiva atrelada ao verde, porém, o interesse provocado pela temática não é recente, fazendo um breve retrospecto, vislumbro desde o período das graduações, experiência docente e o percurso que hoje conduziu ao doutorado, mais de quinze anos de estudos, pesquisas e inquietações.

Com a tessitura da tese, o olhar ficou ainda mais sensível aos discursos e aos apelos ambientais, muitos desses rasos e superficiais, relacionando a temática ambiental, a fauna, flora, poluição e água. Nessa correntiza os comportamentos humanos já são esperados de antemão, afinal: "temos que ser amigos da natureza", "precisamos tomar banho rápido", "devemos reciclar". E, nesse emaranhado, vislumbro o cerne do desassossego no reducionismo conceitual atrelado as noções ambiental: É muito apelo! É muito verde!

O trabalho não é, e não tem como ser escrito sozinho, são muitos atravessamentos e linhas que permeiam as páginas. Percurso acadêmico, profissional, experiências, marcas da caminhada e leitura. Alguns autores inspiram, outros trazem embasamento, alguns inquietam, desacomodam, provocam o pensamento. Tantas vezes desassossegam, que se fecha o livro para tentar refletir os ecos provenientes. Mesmo que não se saiba mais de onde vem o eco, introjetaram e fazem parte do que se é hoje e, aproveitando de Guattari (2015, p. 13), enxergo essas companhias como carpas japonesas, mesmo sem as ver, seus movimentos remexem com a água, embora sua superfície possa permanecer estanque. Dentre o aporte teórico destaca-se Michel Foucault, Felix Guattari, Gilles Deleuze, alguns autores nacionais, além de outras tantas vozes que acompanham o percurso acadêmico e ecoam.

A tessitura da escrita ganha alinhamentos metodológicos, através da Análise do Discurso, buscando inspiração em Michel Foucault (principalmente nas obras "Arqueologia do Saber" - 2008 e "A ordem do Discurso" - 1999), opero especificamente com o conceito de discurso. A partir dos ensinamentos do filósofo, procura-se as visibilidades e enunciabilidades dos discursos que circulam e atingem diferentes públicos.

Com as inquietações, com o aporte teórico potente que esbraseia ainda mais o que perturba, partindo de um trabalho que almeja analisar a proliferação discursiva esverdeada, atrelada a muitos ideais de verdades, inúmeras informações repassadas e prontas, aliando-se a mídia, marketing, massivo estímulo ao consumo e, muitos discursos utilizando o verde como forte apelo que o trabalho foi pensado. Sustentações discursivas e verdades estabelecidas, muitas vezes, sem nos darmos conta não enxergamos a coisa e sim, a linguagem construída da coisa,

conceitos carregados de um *pré-conceito* definidos de antemão, generalizações comuns a todos.

Com essa apresentação inicial que a escrita começa a ser construída, o incômodo pelo simplismo envolto a temática e as imagens, muitas imagens que utilizam o verde, para estímulo ao consumo, relacionando a vantagens em relação às maneiras de ser e viver ou, ironicamente falando, para nos deixar em dia com nossas obrigações de humanos conscientes e antenados com as questões ambientais. O foco não é o produto final, e sim a caminhada. Almeja-se uma composição como possibilidade de se fazer dizer, pensar e compreender a produção de sentidos que abarca as questões ambientais.

Puxando fios de interstícios que interpelam o caminhar, que a escrita é tecida e, através da ANPEd -Sul 2018 – Educação, Democracia e Justiça Social: pesquisar para quê? Compartilho um pouco do que vem sendo estudado, com o desejo compartilhar e convidar a pensarmos juntos sobre Educação Ambiental, envolvendo as questões sociais indissociáveis das referências ambientais e, através de imagens, convidar a refletir sobre o que vem sendo distribuído. É possível resistir ao que está dado? Podemos pensar e pesquisar de maneiras diferentes do que vem sendo distribuído?

Educação ambiental esverdeada

Várias respostas podem ser dadas para um mesmo conjunto de dificuldades. Na maior parte do tempo, diversas respostas são efetivamente propostas. ora, o que é preciso compreender é aquilo que as torna simultaneamente possíveis; é o ponto no qual se origina sua simultaneidade; é o solo que pode nutrir umas e outras, em sua diversidade, e, talvez, a despeito de suas contradições. (FOUCAULT, 2014, p. 226).

Os atravessamentos relacionados ao verde podem ser percebidos sem qualquer esforço aplicado, basta ficarmos atentos: folheando revistas, lendo o jornal, olhando a embalagem de algum produto, pesquisando em alguns sites e até mesmo um momento de compras no supermercado. Aqui, ainda chamo a atenção para alguns detalhes, mesmo que esses aparatos midiáticos não tratem exclusivamente de temas relacionados ao meio ambiente e, assim como o momento de compras não seja apenas na sessão de produtos denominados naturais. Os discursos estão por todos os lados! Estão pulverizados em nosso dia a dia, somos interpelados constantemente, mesmo que as vezes nem percebamos.

Além dos transpassamentos diários atrelados a matéria, o que pode-se verificar também, é que esses discursos são vinculados de maneira significativa aos ambientes naturais, flora, fauna, água e poluição e, vêm acompanhados concomitantemente a ideais de verdade, demonstrando e educando sobre as melhores maneiras de agir e se comportar perante ao que é distribuído, assim, os comportamentos humanos em relação ao meio ambiente muitas vezes parecem ser esperados de antemão, afinal: “temos que ser amigos da natureza”, “tomar banho muito rápido” e “reciclar”. Alguns conceitos, como “sustentável”, “sustentabilidade” e “natural” são usados sem qualquer cuidado quanto aos seus significados.

Lançando olhares para o passado, podemos vislumbrar que as preocupações ambientais não são recentes, porém, enquanto nos anos 70 do século XX, Lutzenberger (1977) alertava para a necessidade de frear o consumo por estarmos acabando com o Planeta Terra, hoje, o que vemos é uma incitação permanente para consumirmos, mas pensando em um outro consumo, num consumo verde. Sampaio e Guimarães (2012, p. 402-403) dizem que “Um mundo mais verde e sustentável parece estar apenas começando, e para ele um novo sujeito é necessário.” Sujeitos, que devem ser sensíveis a tantos apelos ligados a sustentabilidade e, além disso, devem estar dispostos a mudar os hábitos de vida em prol “dessa tal sustentabilidade”, que é tão distribuída, tão falada e pouco, ou quase nada pensada, afinal, ser verde é estar ligado ao seu tempo, e enquanto isso o mercado se renova e se expande.

Em relação ao esverdeamento de sujeitos, Guimarães (2011) diz:

Processos estes que não estão no horizonte de uma das configurações subjetivas mais atualizadas do contemporâneo. Essa que **busca imprimir em nós, nos nossos desejos, nos nossos corpos, uma identidade “verde”, ou seja, de um sujeito que interage “corretamente” com o planeta** (sim, trata-se de uma identificação planetária e, portanto, não-localizada, não-regional, não-nacional, não-territorial, mas global). (grifos meus)

Além dos produtos, do mercado verde que vem crescendo, que nos “estimulam e ensinam a sermos ecologicamente corretos”, lançamos nossos olhares sobre a educação ambiental, que vem carregada nessa correnteza *Eco-lógica* e, podemos perceber que, seus ideais, conceitos e sustentações, mesmo sem querer, mesmo sem que muitas vezes percebamos, já possui um conceito também envolto em representações verdes.

Um exemplo de fácil acesso que pode trazer pistas de como a temática aparece, pode ser obtido através de um simples e rápido exercício em sites de busca, aqui escolheu-se Google e Bing, pela proeminência na internet e, pesquisou-se imagens de “educação ambiental”. Com essa proposta, compartilho parte das informações geradas:



Imagem 1: Site de busca: Google - Expressão pesquisada: Educação Ambiental

(Fonte: https://www.google.com.br/search?q=educa%C3%A7%C3%A3o+ambiental&biw=1517&bih=708&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwjYI4iGkMzRAhXJhJAKHcx0Bw8Q_AUIBigB Acesso em 05/1/2017)



Imagem 2: Continuação da imagem 1

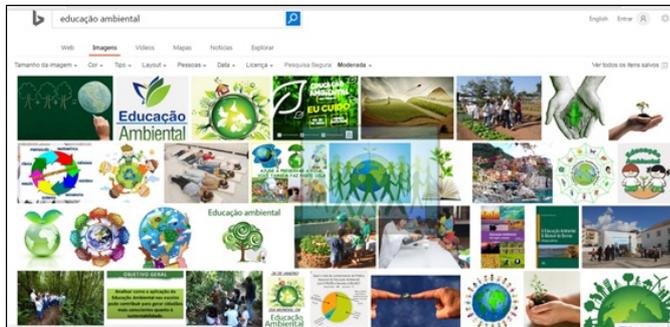


Imagem 3: Site de busca: Bing – Expressão pesquisada: Educação Ambiental



Imagem 4: Continuação da imagem 3

O que se pode perceber com a compilação acima? Muito verde, ambiente natural e algo que reverbera nesses exercícios: as mãos humanas em torno do planeta ou com alguma planta entre os dedos... pode-se dizer que essas imagens das mãos humanas, causam imensa inquietação, a presença humana é ínfima diante da idade planetária, são aproximadamente 3 milhões de anos, correspondendo a apenas alguns minutos na história geológica da vida (SEABRA, 2013, p. 17). Ainda assim é uma das imagens que mais prolifera...

O exercício de pesquisa dessas imagens foi uma breve provocação, mas entende-se que através dessas ferramentas de busca tão utilizadas, consegue-se demonstrar rapidamente o reducionismo conceitual vigente e, além de um mero reducionismo, pode-se colher pistas do antropocentrismo que se mostra pelas imagens: "o homem em um plano e o 'resto' como planícies, montanhas, oceanos, ao serem vistos à distância, como objetos em miniatura", realidades distantes e individuais, vigorando uma importância aos recursos como produtos aptos ao consumo, direcionando para a produção (SEABRA 2013, p. 11). Ou então, distanciamento e desconexão, o homem em um lugar central e a natureza em outro lugar, a natureza como fonte de recursos, posteriormente como depósito dos resíduos provenientes do uso dos recursos.

Segundo Milaré (2015, p. 106):

Antropocentrismo é uma concepção genérica que, em síntese, faz do Homem o centro do universo, ou seja, a referência máxima e absoluta de valores (verdade, bem, destino último, norma última e definitiva etc.), de modo que ao redor desse "centro" gravitem todos os demais seres por força de um determinismo fatal.

Tocando em antropocentrismo, e no cuidado que temos que ter ao levantar bandeiras e criar rótulos, é interessante o que Veiga-Neto (2014, p. 43) nos convida a pensar:

Nesses processos de ressignificação das relações entre o humano e o ambiental, convém estarmos atentos para as frequentes contradições performativas que qualquer análise discursiva, que por mais simples que seja, põe logo à mostra. (...) muitos (...) defendem ardorosamente uma leitura holística da posição do homem no mundo natural, entendendo-o numa relação de imanência mútua radical. Mas, ao mesmo tempo, defendem um tipo de alimentação à qual eles mesmo adjetivam de "natural". Com isso, eles colocam o humano fora da natureza, separado do mundo natural. Basta perguntarmos por que, se considerem o homem como parte indissociável da Natureza, chamam de não natural aquilo que é produzido pelo próprio homem.

Rápido exercício, sites de busca, também muito utilizados por pesquisadores, estudantes, pessoas de um modo geral. Não se trata de apontar exemplos, aqui e acolá, mas estimula-se que não fiquemos atrelados a esquematismos e representações prontas e estáticas. A educação ambiental seria resumida a isso então? E todo "resto"? cidades, escolas, pessoas, vida!?!

Guattari (2015, p. 29) já comentava no final dos anos 80 que o homem chamado de contemporâneo, já estava enganchado em um mundo com precárias representações em constante movimento, os jovens habitados por informações produzidas em lugares bem distantes: tudo circula, mas parece permanecer tudo no mesmo lugar, subjetividade petrificada: Cuide da natureza! Pense verde! Seja sustentável! São representações, tantos discursos que são tão reproduzidos e pouco questionados.

Através desses exemplos, proponho que se pense sobre o dinamismo de onde os ditos ambientais partem e se espalham nos interstícios da vida. As imagens, os discursos atrelados a educação ambiental, embora muitas vezes nem se perceba, já possuem conceitos envolvidos em representações e repetições. Opiniões prontas. Pré-fixadas. Superficialidade vagando. Talvez seja pertinente também problematizar e questionar sobre as intencionalidades e os propósitos de práticas educacionais denominadas “ambientais”.

Provocações e pensamentos

Jamais encontraremos o sentido de alguma coisa (...) se não sabemos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime. (Deleuze, 1976 p. 3).

Conforme comentei anteriormente, a presente escrita, provém de uma tese em andamento que olha para os discursos ambientais através da coleta de imagens que utilizam apelos verdes em determinados produtos ou serviços. Tensionando um ecologismo ingênuo que muitas vezes oferece respostas a *la carte* para os questionamentos no que se refere aos discursos ambientais, aspirando problematizar a proliferação discursiva verde que nos captura em tempos contemporâneos.

Com esse plano de fundo em que a Educação Ambiental parece ser retratada atualmente e, impulsionada pela força e a disseminação dos atravessamentos midiáticos, que o trabalho se alinhava. Pensando os enunciados, mas provocando que se reaja à pobreza enunciativa, falando a partir dela e apesar dela, não definindo verdades, mas verificando a possibilidade de transformação desses discursos, que podem deixar de ser como são, para quem sabe, tornar-se um tesouro inesgotável de onde se podemos tirar novas riquezas, imprevisíveis a cada vez (FOUCAULT, 2008, p. 136).

Gilles Deleuze (2010, p. 124) por sua vez, nos diz que “É preciso pegar as coisas para extrair dela as visibilidades. [...]é preciso rachar as palavras ou as frases delas extrair os enunciados”, buscamos algumas visibilidades para compor o presente trabalho, para tanto, compartilho algumas imagens que fazem parte do *corpus* discursivo da tese para ilustrar brevemente sobre a pulverização dos discursos ambientais:



Imagem 5: Compilação de algumas imagens do corpus discursivo da tese



Imagem 6: Compilação de algumas imagens do corpus discursivo da tese

Surpreende a quantidade e a diversidade de discursos permeando diferentes espaços, podemos usar meias bio degradáveis, morar em casas com cortinas e lareiras ecológicas, cozinhar frangos “verdes”, batatas congeladas “amigas da natureza”, com um fermento biológico com “consciência sustentável”, utilizar fósforos “ecológicos” etc etc etc.

Os exemplos se esparramam, com uma análise preliminar, posso adiantar que algumas empresas utilizam o subterfúgio verde pois mudaram as maneiras de produção e gestão para utilizar menos recursos ou, se adequaram buscando algumas certificações, mas também, existe parte do mercado em que sustentabilidade ambiental tem significado meramente simbólico. Nesse momento, não se trata de fazer juízo de valor e apontar discursos “verdadeiros” ou “falsos”, mas a escrita almeja que possamos pensar sobre uma correnteza “Eco - lógica” que conduz, estimula e ensina a “sermos ecologicamente corretos” e, ainda, que se consuma produtos que converjam nessa onda verde.

Será que uma imagem verdinha com uma árvore, ou então um desenho do planeta terra sorrindo podem trazer realmente credibilidade aos

produtos que estamos consumindo? E aquela conhecida expressão “sustentável” pode nos dizer algo? O que é sustentável? O que é consumo consciente?

Tentames a pensar

Ao compor emaranhados de uma escrita que problematiza a Educação Ambiental sob uma cortina verde a revestindo, busco meios de vislumbrar essa área tão importante através de outros vieses. Nesse sentido um conceito se destaca como potência de pensamento ao associar o apetite pela produção teórica com a constante preocupação com a prática de si é denominado Ecosofia! Ao contrário que possa parecer, não trata-se simplesmente de uma filosofia da ecologia, mas de uma postura de se posicionar e agir no mundo (GUATTARI, 2015, p. 19).

O conceito possui principal embasamento com a obra “As três ecologias” (2000), de Felix Guattari, abarcando a Ecologia mental, social e ambiental, buscando principalmente ultrapassar a separação muitas vezes presenciada de homem - natureza. Vindo ao encontro das inquietações da trajetória acadêmica e profissional, Guattari reforça a ideia de que a ecologia é muito além de uma ciência, engloba realidades muito heterogêneas, é um termo eclético, não tem contornos bem delimitados, abarca tanto ecossistemas sociais, urbanos, familiares, de biosfera etc (2015, p. 59).

O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os Territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiterações estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torna-lo “habitável” por um projeto humano. É essa abertura práxica que constitui a essência dessa arte da “eco” subsumindo todas as maneiras de domesticar os territórios existenciais, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente (GUATTARI, 2000, p. 37-38)

O conceito adere muito às pesquisas, visto que o autor destaca desde a década de 90, que a ecologia se tornou um fenômeno de opinião, e ainda presenciamos isso! Opiniões, regras e rótulos ambientais se encontram pulverizados em nosso dia-a-dia. Guattari (2015, p. 249), reforça a inquietude em relação a ecologia centrada apenas na natureza. Para o autor, a defesa das espécies materiais, naturais, vegetais, animais é inseparável das espécies incorporais. O cuidado que se deve ter, deve ir muito além dos seres que aqui estão, mas também atrelado a responsabilidade com o devir, com outros valores, do próprio calor humano, relação de vizinhos, pois essas relações, além das espécies de animais e vegetais, também estão em vias de extinção:

el riesgo de someter la ecosofia a la ecologia solo puede alimentar las trivialidades tales como aquellas que limitan esta última a la defensa de los árboles o de los animales (e incluso, solamente de aquellos que son considerados útiles para el hombre o juzgados bellos a sus ojos (GUATTARI, 2015 p. 19)

Nesse sentido, reitero a proposta de pensar maneiras de resistir as noções simplistas atreladas as temáticas ambientais, ambiente não é apenas o verde, assim como a postura de se posicionar no mundo não deveria ser atribuída às normas ditadas pelos meios de comunicação. Torna-se fundamental uma tomada de posição englobante, algo distante de ideias reducionistas, articulando a ecologia do meio ambiente com a ecologia social, mental, urbana, ecologia dos meios de comunicação (GUATTARI, 2015, p. 250).

Um dos pilares da Ecosofia é atribuído a ecologia mental, para o autor (2015, p. 116 e 253), a subjetividade é o que há de mais rico e heterogêneo, como a matéria prima da espécie humana, fazendo que haja vida coletiva e individual, não havendo fronteira entre homem, sociedade, a tecnologia, o entorno de cada um. Trata da interdependência de cada um, envolvendo educação, bem estar material, social, não sendo apenas através de relações humanas, mas aliando o meio tecnológico, midiático e agenciamentos coletivos que nos interpelam a todo instante.

A subjetividade é fortemente produzida através dos meios de comunicação, dos computadores, das mídias como um todo e, o furor das inquietações do autor em relação as questões ambientais aconteceram na década de 80 e 90, período que ainda não havia tanto bombardeio de informações, aparatos tecnológicos ao alcance das mãos. Atualmente presenciamos uma mídia massificada. Notícias em tempo real, moldando, conduzindo e também preenchendo a subjetividade. Atualizando o pensamento do autor, os atravessamentos ainda são mais constantes e, com as questões ambientais não é diferente: somos constantemente interpelados: Cuide da natureza! Pense verde! Seja sustentável! São representações, tantos discursos que são tão reproduzidos e pouco questionados. Se nesse período Guattari (2015, p. 30) alertava que a subjetividade encontra-se amaçada de petrificação, reproduzida, como se não houvesse mais gosto pela diferença, pelo imprevisto, por acontecimentos singulares, o que poder-se-ia dizer da contemporaneidade?

Ao trazer a baila a Ecosofia para as reflexões sobre tantos discursos esverdeados, proponho, inspirada em Guattari (2015, p. 31) a semear momentos de distanciamento de falsos nomadismos que nos deixam no mesmo lugar, como a repetição de frases prontas, comportamentos repetitivos e coletivos e, nesse vazio que a modernidade pode provocar, tentar criar linhas de fuga no desejo de desterritorialização maquínica e comunicacional.

Embora os meios de comunicação estejam encharcados de notícias sobre a crise ambiental, alia-se ao pensamento do autor que a preocupação ambiental não deve ficar preocupada apenas aos fatores relacionados ao meio ambiente natural como a poluição, aquecimento global, extinção de espécies, mas deve refletir também a devastações ecológicas relativas ao campo social e mental, conduzindo a avaliação e reapropriação coletiva que possa enriquecer a subjetividade (individual e coletiva), algo bem diferente do que os meios de comunicação conduzem: serialismo e reducionismo que culminam em empobrecimento da subjetividade (GUATTARI 2015, p. 38 e 43).

Através desses pares, dessas principais potencias conceituais almeja-se momentos de “suaves desterritorializações” pegando fragmentos da realidade, se posicionando, fazendo escolhas e pensando. Criando possibilidades de pensar diferente. Exercitando um olhar quem sabe mais atento e menos pré-direcionado.

Considerações

Através desses breves exemplos, proponho que se pense sobre o dinamismo de onde os ditos ambientais partem e se espalham nos interstícios da vida. As imagens, os discursos atrelados a educação ambiental, embora muitas vezes nem se perceba, já possuem conceitos envolvidos em representações e repetições. Opiniões prontas. Pré-fixadas. Superficialidade vagando. Talvez seja pertinente também problematizar e questionar sobre as intencionalidades e os propósitos de práticas educacionais denominadas “ambientais”.

Talvez os discursos estejam tão entranhados que não se pense a respeito do que está sendo descaradamente distribuído, ressalto que a proposta do trabalho, assim como a da tese, não pretende fazer juízo de valor sobre os produtos citados, as imagens foram elencadas para exemplificar que os discursos verdes, permeiam diferentes espaços. Nesse sentido, recordamos Deleuze que diz que pensar é ver, é falar, mas o olhar não pode permanecer apenas nas coisas, deve se elevar as “visibilidades”, assim como a linguagem não fique atrelada as palavras, afinal, pensar é poder! (DELEUZE, 2010, p. 123).

A Ecosofia pode ser um potente a ser pensado, com uma articulação das três ecologias, talvez possamos pensar a educação ambiental e

seus discursos de maneiras mais articuladas com a vida de um modo geral. A proposta é que em um campo tão caro quanto da educação ambiental, possamos cavoucar brechas além de onde os discursos esverdeados alcançam.

As inquietações crescem e impulsionam a pesquisa, o trabalho, no tentame de lançar luz para discursos proliferantes na atualidade, convida, assim como Fisher (2002, p. 58), a deixar para trás o lago sereno das certezas e ir buscar ferramentas produtivas, para pensar de outra forma, procurando tensionar e quem sabe cotejar ideias menos seguras. Buscando uma leitura crítica do pensamento a partir da maneira como as coisas são ditas, compreendendo a problematização, não como um ajustamento de representações mas como um trabalho do pensamento (FOUCAULT, 2014, p. 227).

A crise ambiental trata-se de uma materialidade, está aí, os discursos verdes também, muitas vezes andando de braços dados a estímulos ao consumo. Não busca-se oposição, torna-se imperativo encarar os efeitos que a ecologia mental atravessa na vida cotidiana, individual, coletiva, conjugal, de vizinhança, mas longe de tentar um consenso, tantas vezes infantilizante e cretinizante, mas buscando o dissenso (Guattari 2000. p. 33).

Com o desejo tecer outros modos de pensar as questões ambientais e fazer Educação Ambiental em tempos de “esverdeamento” dos sujeitos, aproveito Barchi (2013, p. 3266): mais importante que entrar em comportamentos paranoicos e totalizantes que dão a ecologia um status de eterna verdade, talvez possamos pensar em quebrar em milhões de pedaços e esquecer dos discursos enquanto unidade, talvez agindo com pensamento e prática em tentames de “descologizar” a ecologia e, confluindo a um “desverdeamento” dos sujeitos, possamos resistir a tanta cristalização e sedentarização das noções atribuídas ao ambiente.

Ao esticar tantos fios que auxiliam a pensar as pesquisas, saliento que não se trata de querer colocar uma resposta no lugar das inquietações e assim, resolver os “problemas” ambientais. Um pensamento especial paira: Quanto desses discursos ambientais ou tratam apenas de estímulo ao consumo de determinados produtos e/ou serviços?

Recordo novamente Foucault (1998, p. 13) para o repouso das considerações, onde diz que na vida, existem momentos que perceber diferentemente do que se vê e pensar diferentemente do que se pensa é indispensável para continuar a olhar e a refletir... O desejo nesse momento, é buscar, quem sabe, alinhar, soltar, costurar e tecer outros modos de pensar e fazer Educação Ambiental em tempos de “esverdeamento” dos sujeitos...

Referências

BARCHI, Rodrigo. **A Educação ambiental como exercício de poder e resistência**. REGET - v. 17 n. 17, Dez. 2013, p. 3258- 3267

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed 34, 2010.

_____, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio – RJ. 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** vol. 1 São Paulo. Editora 34. 2007.

FISCHER, Rosa. B.. **Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar**. In.: Costa, Marisa Vorraber. (org). Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999

_____, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 7ª edição. 2008

_____, Michel. **Ditos e escritos, V: ética, sexualidade e política**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014

_____, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998

_____, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo. Editora Paz e Terra. 2015.

GUATTARI, Felix. **Qué es la ecosofia?** textos presenteados y agenciados por Stéphane Nadaud – 1ª ed. - Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Cactus, 2015

_____, Felix. **As três ecologias**. Campinas/SP. Editora Papyrus, 2000.

GUIMARÃES, Leandro. **Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a formação de sujeitos “verdes”**. In.: Anais do 4º SBECE, ULBRA, Canoas, 2011. P. 1-14.

LUTZENBERGER, J. **Fim do futuro? : manifesto ecológico brasileiro**. Porto Alegre: Editora Movimento. 1977

MILARÉ, Edis. **Direito do Ambiente: a gestão ambiental em foco: doutrina jurisprudência, glossário**, 9ª edição, São Paulo: Revistas dos Tribunais: 2015.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 395-409, out. 2012. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p395>>. Acesso em: 09 abr. 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-795X.2012v30n2p395>

SEABRA, Giovanni (organizador). **Educação Ambiental: conceitos e aplicações**. João Pessoa: editora da UFBP. 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Ecopolítica: um novo horizonte para a Biopolítica**. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S.l.], p. 208-224, dez. 2014. ISSN 1517-1256. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/4860>>